

MAPEAMENTOS DOS AFETOS TERRITORIAIS: CONSTRUINDO METODOLOGIAS SENSÍVEIS EM PESQUISA INTERVENÇÃO

Mapping of Territorial Affects: building sensitive methodologies in intervention research

Mapeo de Afecciones Territoriales: construyendo metodologías sensibles en la investigación de intervención

Clau Fragelli

<http://orcid.org/0000-0003-3720-4034>

Universidade Federal de São Carlos, Unidade de Atendimento a Criança, São Carlos, SP, Brasil

Leticia Ambrosio

<http://orcid.org/0000-0003-0705-6309>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Sabrina Helena Ferigato

<http://orcid.org/0000-0001-7567-7225>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil

Resumo

Introdução: A pesquisa é uma das formas hegemônicas de se produzir conhecimento nas sociedades ocidentais no tempo contemporâneo. Não havendo uma forma única de se fazer pesquisa, é de responsabilidade de pesquisadores delimitar o referencial teórico-metodológico para atingir seus objetivos. Considera-se a pesquisa-intervenção como um método possível para pesquisas qualitativas, pois estas consideram o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito indissociáveis. Neste contexto, a interpretação dos fenômenos não pode ser reduzida à sua quantificação ou ao que é passível de se constituir como uma evidência. **Objetivos:** apresentar a construção de um dispositivo metodológico artístico e visual para produção de dados, o Mapeamento de Afetos Territoriais. **Metodologia:** O dispositivo surgiu no desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado sobre saúde mental de professoras da Educação Infantil, mas pode ser proposto para um vasto campo de pesquisas qualitativas interventivas no campo da Terapia Ocupacional. **Resultados e Discussões:** Ao discutirmos conceitos de território, mapas e afetos de uma perspectiva da Filosofia da Diferença e da Geografia, propomos o dispositivo como uma possibilidade de cocriação de sentidos e fabulações, na medida que funciona como ato político, estético e de meditação. **Conclusões:** Sem a intenção de oferecer normas procedimentais para replicação, apresentamos este artigo para explanar sobre os processos da criação e aplicação-experimentação deste dispositivo.

Palavras-chave: Metodologia; Pesquisa; Educação; Pesquisa Qualitativa; Terapia Ocupacional.

Abstract

Introduction: Research is one of the hegemonic ways of producing knowledge in Western societies in contemporary times. Since there is no single way of doing research, it is the responsibility of researchers to delimit the theoretical-methodological framework to achieve their objectives. Considering intervention research as a possible method of qualitative research, as these consider the objective world and subjectivity of the subject inseparable. In this context, the interpretation of phenomena cannot be reduced to their quantification or to what is likely to be construed as evidence. **Objectives:** to present the construction of an artistic and visual methodological device for data production, the Mapping of Territorial Affects. **Methodology:** The device emerged in the development of a master's research on mental health of teachers of Early Childhood Education, but it can be proposed for a vast field of qualitative interventional research in the field of Occupational Therapy. **Results and Discussions:** When we discuss concepts of territory, maps and affections from a perspective of the Philosophy of Difference and Geography, we propose the device as a possibility of co-creation of meanings and fables, insofar as it works as a political, meditative, aesthetic and cultural act. **Conclusions:** Without the intention of offering procedural norms for replication, we present this article to explain the processes of creation and application-experimentation of this device.

Keywords: Methodology; Research; Education; Qualitative Research; Occupational Therapy

Resumen

Introducción: La investigación es una de las formas hegemónicas de producir conocimiento en las sociedades occidentales en la época contemporánea. Dado que no existe una única forma de hacer investigación, es responsabilidad de los investigadores delimitar el marco teórico-metodológico para lograr sus objetivos. Considerando la investigación de intervención como un método posible para la investigación cualitativa, ya que estas consideran inseparables el mundo objetivo y la subjetividad del sujeto. En este contexto, la interpretación de los fenómenos no puede reducirse a su cuantificación o a lo que es probable que se constituya como evidencia. **Objetivos:** presentar la construcción de un dispositivo metodológico artístico y visual para la producción de datos, el Mapeo de Afecciones Territoriales. **Metodología:** El dispositivo surgió en el desarrollo de una investigación de maestría sobre salud mental de docentes de Educación Infantil, pero puede ser propuesto para un vasto campo de investigación cualitativa intervencionista en el campo de la Terapia Ocupacional. **Resultados y Discusiones:** Cuando discutimos conceptos de territorio, mapas y afectos desde una perspectiva de la Filosofía de la Diferencia y la Geografía, proponemos el dispositivo como posibilidad de co-creación de sentidos y fábulas, en la medida en que funciona como herramienta política, estética y acto cultural meditación. **Conclusiones:** Sin ánimo de ofrecer normas procedimentales para la replicación, presentamos este artículo para explicar los procesos de creación y aplicación-experimentación de este dispositivo.

Palabras-clave: Metodología; Investigación; Educación; Investigación cualitativa; Terapia ocupacional

Como citar

Fragelli, C.; Ferigato, S.H.; Ambrósio, L. (2023). Mapeamento dos afetos territoriais: construindo metodologias sensíveis em pesquisa intervenção. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(3), dossiê temático:1929-1945. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto50015

“A cientificidade não pode ser reduzida a uma só forma de conhecer: ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização” (Minayo, 2014, p. 39)

Introdução

A pesquisa e a produção do conhecimento científico, nas sociedades ocidentais, têm sido a forma hegemônica de se produzir conhecimento sobre a humanidade e as relações sociais, dentro do regime de produção de verdades contemporâneo (Minayo, 2014). Embora não haja uma forma única de se fazer pesquisa, é de responsabilidade de quem pesquisa encontrar e propor um instrumental teórico e metodológico que possibilite se aproximar da realidade que se investiga de forma a contribuir com os processos sociais comunitários e subjetivos que constituem essa mesma realidade.

Afirmando a indissociabilidade entre ciência e política, compreendemos o papel sociocultural das “pesquisas qualitativas que visam o aprofundamento no mundo dos significados das ações e das relações humanas” (Paulon & Romagnoli, 2010, p.87). Para as autoras, a pesquisa qualitativa considera que o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito são indissociáveis, e a interpretação dos fenômenos não pode ser reduzida à sua quantificação ou ao que é passível de se constituir como uma evidência. Nesse sentido, compreendemos que toda pesquisa social, de algum modo, diz respeito à qualidade de processos em construção.

As pesquisas qualitativas, como a própria expressão sugere, buscam se debruçar sobre a qualidade dos fenômenos ou processos investigados. Concebemos essa perspectiva como “processo de construção de conhecimento a partir de uma relação constante entre pesquisador e realidade pesquisada” (Galvão & Galvão, 2017, p. 57). Nesse sentido, afirmamos um processo de investigação qualitativa que toma o saber como uma construção mais intensiva do que extensiva e a produção do conhecimento como um processo de interferência mútua entre sujeito e objeto.

No campo das pesquisas qualitativas, a pesquisa participante e a pesquisa-ação, abordagens que surgiram na década de 1960, baseiam-se numa perspectiva crítica sobre a realidade social da América Latina e foram inspiradas pelas obras de Paulo Freire do ponto de vista da transformação social (Minayo, 2014). Nessas abordagens, compreende-se a pesquisa enquanto projeto político, os participantes enquanto sujeitos coletivos e o papel de pesquisadora como ator político transformador (Minayo, 2014).

Passos e Barros (2020) consideraram insuficiente a noção da pesquisa-ação partindo do pressuposto de que é necessário a análise da implicação, isto é, o próprio trabalho de análise do pesquisador que vai modificar e interferir no campo que se pesquisa e, portanto, impõe sua parcialidade na produção de conhecimento e sua intervenção na realidade pesquisada:

O campo de análise se distingue, mas não se separa do campo de intervenção, sendo o sistema de referência teórico que se torna operatório em uma pesquisa-ação e, conseqüentemente, sempre encarnado em uma situação social concreta. A análise aqui se faz sem distanciamento, já que está mergulhada na experiência coletiva em que tudo e todos estão implicados. É essa constatação que força o institucionalismo a colocar em questão os ideais de objetividade, neutralidade, imparcialidade do conhecimento. Todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc. (p. 19)

Paulon e Romagnoli (2010) compreendem que a pesquisa-intervenção se compõe de segmentos sociais, ambientais, coletivos e individuais, além de sofrer a implicação da própria observação. De acordo com os autores, esse tipo de pesquisa trata a existência na forma em que ela se produz e se manifesta, ou seja, através dos acontecimentos e fazeres (Paulon & Romagnoli, 2010) ou, em outras palavras, em seu sentido ontológico (Passos & Barros, 2020).

Nessa perspectiva – independentemente de se afirmar como uma pesquisa que converge com uma ação prática junto ao campo ou não – “toda pesquisa é intervenção” (Passos & Barros, 2020, p.17) e a “intervenção é sempre clínico política” (p.26). Ferigato e Carvalho (2011) argumentam que a pesquisa e quem pesquisa fazem interferências e transformações na realidade, implicando a pessoa pesquisadora no campo e na “transformação de si, do objeto e de seu contexto, conferindo ao trabalho da pesquisa seu caráter intrínseco de intervenção” (p.667).

Passos e Barros (2020), em diálogo com Félix Guattari, afirmam que pesquisar é “descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade” (p.27). Assim, pesquisar/conhecer não significa apenas representar ou apreender uma realidade, mas inventar a si e ao mundo em diálogo com essa realidade. “Lançados num plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem. Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem conseqüências políticas” (p.30). Dessa forma, produção de conhecimento e transformação/intervenção da/na realidade são indissociáveis. (Ferigato & Carvalho, 2011).

Entendendo que pesquisar implica necessariamente intervir, o encontro com quem participa da pesquisa torna-se intervenção. Torna-se cuidado, produção do conhecimento e política. Assim, é fundamental a preocupação com os processos: da pesquisa, de quem pesquisa e de quem participa, uma vez que interferimos em sua realidade.

Metodologias visuais na Pesquisa-Intervenção

A partir do entendimento de que realidade pesquisada está em constante transformação, atravessada por narrativas, contextos, linhas de força, saberes, poderes e processos de subjetivação, o pesquisador/observador faz interferências não-neutras no universo real, promovendo a transformação de si, do objeto e de seu contexto. A pesquisa torna-se, então, um processo aberto de experimentação, com dobras e desdobras, problemas e descobertas (Frigato & Carvalho, 2011) que são localizadas geograficamente.

Passos, Kastrup e Escóssia (2020) consideram que a distinção quantitativa-qualitativa é insuficiente, embora pertinente, pois as expressões de realidades são múltiplas. A questão, para os autores, é a construção dos processos de investigação. Frigato (2013), a partir daí, argumenta que, por causa da natureza subjetiva da pesquisa qualitativa, as estratégias e os procedimentos devem ser “mais abertos e inventivos” (p.52).

Considerando as possibilidades inventivas e as multiplicidades de um grupo pesquisado – educadoras da Educação Infantil em um contexto de educação em pandemia – e as possibilidades de acessar o regime de enunciados e visibilidades neste contexto, acreditamos nos benefícios em se propor uma metodologia visual e sensível. Hartman e colaboradoras (2011) apontam que as metodologias visuais oferecem a possibilidade de balancear rigor metodológico e criatividade na pesquisa, permitindo que participantes articulem pensamentos e emoções complexas, discursos e imagens. Para as autoras, a representação visual pode significar uma nova forma de compreender a própria vida para as participantes, criando possibilidades de expressão, reflexão, entendimento e transformação dos modos de ser (Hartman et al, 2011).

Gastaldo, Magalhães e Carrasco (2013), argumentam que as metodologias visuais auxiliam a construção de uma visão ampliada sobre o que as pessoas pensam sobre si mesmas e sobre suas identidades construídas. Nesse sentido, as autoras afirmam a adoção de pressupostos ontoepistêmicos para mudar a perspectiva da produção de ciência para uma produção crítico-social que dará conta de colocar a centralidade da pesquisa nas experiências corporais das participantes (Gastaldo, Magalhães & Carrasco, 2013).

Sandra Weber (2008) defende o caráter antropológico, histórico e humano dos recursos visuais na pesquisa e apresenta dez razões para utilizar recursos visuais nas pesquisas sociais com propostas de transformação social. Entre essas razões, a autora aponta que os recursos visuais permitem a captação daquilo que é difícil transpor em palavras; facilitam o engajamento e a comunicação das/entre as participantes com a pesquisa; podem fomentar empatia entre participantes; podem ajudar a pesquisadora a explicar as etapas, objetivos e referenciais teóricos da pesquisa; e, por fim, podem auxiliar na promoção de ações de transformações sociais (Weber, 2008). Essas razões nos pareceram especialmente úteis para a abordagem investigativa de processos subjetivos, como, por exemplo, a saúde mental docente, objeto da pesquisa em curso.

McNiff (2008), artista e pesquisadora, além de defender o uso dos recursos artísticos e visuais na pesquisa e elucidar sua capacidade de produzir interferências transformadoras no campo, nos chama atenção para os riscos de utilizar recursos visuais e artísticos de forma desprezada do rigor metodológico, correndo o risco de propor um instrumento metodológico ineficiente. De acordo com McNiff (2018), é de extrema importância que, para utilizar instrumentos criativos, se crie e delimite um referencial teórico e metodológico objetivo e esclarecido.

Entendendo a pesquisa-intervenção em sua possibilidade de criar efeitos-subjetividades e seus sentidos ontológicos, vislumbramos as metodologias visuais como recurso sensível para o pesquisar e para o intervir. Assim, através da delimitação dos pressupostos teóricos da Filosofia da Diferença e dos pressupostos-metodológicos da pesquisa-intervenção, propomos a criação de um dispositivo metodológico artístico-visual de pesquisa: "Mapeamentos de Afetos Territoriais" (MeAfeTe).

Esse dispositivo é compreendido a partir da leitura que Deleuze (1996) faz de Foucault: um conjunto, uma rede, multilinear e composto por linhas diversas: de visibilidade, de enunciação, de força e de subjetivação, como máquinas de fazer, ver e falar, que comportam as dimensões do poder e da criação.

A proposta desse dispositivo surge como criação de um caminho teórico-prático para realização da pesquisa de mestrado *Um olhar para o infinito: cartografias de saúde mental com educadoras de educação infantil* (Fragelli, 2022). A pesquisa teve como objetivo mapear e compreender os processos de produção de saúde mental e sofrimento psíquico de educadoras de Educação Infantil. Todos os procedimentos éticos para pesquisas com seres humanos foram seguidos, e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas CAAE 39709020.9.0000.5504.

Ao relatarmos nossa vivência de construção metodológica em pesquisa, procuramos realizar uma abordagem que conjugue a experiência de trabalho empírico com análises teórico-conceituais e metodológicas que essa nos permite projetar (Carvalho et al, 2011).

Vale ressaltar que o campo da pesquisa foi pensado para acontecer de forma presencial, no entanto, a determinação do estado global pandêmico exigiu da pesquisadora o exercício de reinventar suas estratégias metodológicas e, assim, criar o método proposto. Consideramos, portanto, que o MeAfeTe pudesse ser uma forma de trazer o território à tona, perpassado pelas relações interpessoais, pelos afetos e pelas subjetividades.

A partir de experiências com diferentes atividades de mapear trajetos, construímos essa proposta metodológica.

Métodos: A construção conceitual de um dispositivo de produção de dados, o Mapeamento de Afetos Territoriais (MeAfeTe)

A pesquisa em que o dispositivo se desenvolveu foi uma pesquisa cartográfica, ou seja, que não se pretende ter o método de modo prescritivo, mas como orientação do percurso a ser percorrido (Passos e Barros, 2020). Ao invés de “caminhar para alcançar metas”, centra-se no “caminhar que traça, no percurso, suas metas” (p.17). Assim, possui pistas que orientam o percurso, considerando os efeitos do processo (Passos e Barros, 2020). Compreendendo a cartografia como aberta ao experimentar, foi possível criar estratégias para trazer o território à tona.

Aqui, a noção de território, ancorada na Geografia a partir de leituras da Geografia da Infância, é compreendida como mais que espaço físico. De acordo com Milton Santos (2009), o território precisa ser compreendido a partir da ideia de que ele não é em si, mas se atualiza como território usado, praticado. “O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (p.6). Assim, território se relaciona com a produção de identidades e com a atividade humana, na medida em que as identidades se relacionam ao sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.

Lopes e Vasconcellos (2006) fazem uso da discussão de Milton Santos para propor uma Geografia da Infância. A noção de território, para eles, leva em conta que:

As interações que se estabelecem entre sujeitos e lugares não são uma mera relação física, mas uma relação carregada de sentido e mediada pelos demais sujeitos que o ocupam. Nesse sentido, na apropriação e constituição do território, mescla-se uma dimensão simbólica, por onde perpassa a tensão entre a singularidade dos indivíduos que nele habitam e os arranjos sociais da coletividade (Lopes & Vasconcellos, 2006. p.119).

Deleuze e Guattari (2012), a partir da construção da noção de territórios existenciais, sugerem que, além dos aspectos geográficos do território, interessam também os processos de territorialização, afinal, “O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os ‘territorializa’. O território é produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos.” (p.127). Extrapolando a noção geográfica, território não se faz apenas pela identidade, mas principalmente por expressividade. Os autores argumentam que território não existe a priori, mas território se faz por marcas, expressividades, devires, processos de territorialização e desterritorialização. “O território e as funções que nele se exercem são produtos da territorialização” (p.128)

Nessa direção, territórios dizem respeito às relações que nele se estabelecem, sejam entre pessoas e pessoas, pessoas e coisas ou pessoas e paisagens. Os encontros compõem, assim, planos de consistência: quando os afetos tomam corpo, desenham um território (Rolnick, 2011, p.32). Afinal, “afetos só ganham espessura de real quando se efetuem” (Rolnick, 2011, p.31)

Spinoza compreende afeto como aquilo que aumenta ou diminui a potência de agir (Spinoza, 2009), que ele denomina de "as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções." (Spinoza, 2009, p.100)

Deleuze, a partir da obra de Spinoza, faz a distinção entre afecção e afeto sobre o corpo afetado. Segundo ele, "Afecção remete a um estado do corpo afetado e implica na presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes." (Deleuze, 2002, p. 56).

Ao se perguntar "o que pode um corpo?", Spinoza afirma sua capacidade de afetar e ser afetado a partir de sua potência. Para ele, "os bons encontros são aqueles em que os corpos entram em relação de composição e aumentam sua potência de ser, agir e pensar" (Lieberman & Lima, 2015, p. 185). Assim, afetamo-nos enquanto corpos, em territorialização e em constantes processos de produção de subjetividade.

Daniel Stern (2007) aponta para a intersubjetividade como fundamental na constituição das nossas imagens mentais e da própria noção do eu:

Vivemos cercados por intenções, sentimentos e pensamentos dos outros que interagem com os nossos, de modo que a distinção entre o que é nosso e o que pertence aos outros começa a ceder. Nossas intenções são modificadas ou nascem no diálogo com as intenções sentidas dos outros. E nossos pensamentos são cocriados em diálogo, ainda que num diálogo com nós mesmos. (Stern, 2007, p. 99).

A afetividade pode ganhar, ainda, outra camada que nos interessou, que são os processos cognitivos, lembrando que realizávamos uma pesquisa na interface entre Educação e Saúde Mental. Kastrup e Herlanin (2018), em diálogos com a obra de Daniel Stern, Félix Guattari, Yves Citton e Suely Rolnick, discutem a cognição como processo afetivo a partir dos "afetos de vitalidade", que

remetem ao aspecto dinâmico da afetividade [...] Eles são melhor descritos por termos como "surgindo", "passando rapidamente", "explosivos", remetendo sempre a propriedades também [multissensoriais] da experiência, como ritmo, velocidade e intensidade. (Kastrup & Herlanin, 2018, p.131)

Assim, afetos estão para além da nomeação de sentimentos e se abrem para inúmeras possibilidades, atravessamentos, linhas de fuga. Se afetos são linhas, podem ser traçados. Para que as participantes

da pesquisa – educadoras de Educação Infantil – pudessem traçar seus mapas-afetos, nos inspiramos nas práticas de Fernand Deligny.

Oliveira (2016) define que o método de Deligny surgiu como uma forma de “identificar e localizar espacialmente os seus trajetos [das crianças]” (p.17). “Considerando a intensidade do presente e da prática, Fernand Deligny sugere a construção de mapas.” (p.15). Mapas permitem tracejos.

Retomando a ideia de Deleuze e Guattari (2011), mapas cartográficos não são fotografias, na medida em que se entende, no senso comum, fotografia como uma representação estática do real. É preciso entender um mapa:

voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente [...] Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte, constituí-lo com uma ação política ou como uma meditação (Deleuze & Guattari, 2011, p.30)

Obra de arte, ação política e meditação. Essas três formas de compreender mapas constituíram a atividade proposta. Dessa forma, mais que trajetos, pudemos traçar afetos no mapa.

Resultados e Discussões: a aplicação-experimentação do MeAfeTe

O dispositivo proposto, bem como a pesquisa de que fez parte, implicou uma relação de interface entre quem se propõe a conhecer e quem é conhecido, cujo resultado foi uma coprodução/transformação de ambos. Nessa perspectiva, sujeito e objeto se engendraram na pesquisa, se agenciaram e se inventaram em cada pesquisar.

Dada essa compreensão, foi possível acionar técnicas e métodos de pesquisa que responderam às necessidades próprias do objeto pesquisado, sem desconsiderar o contexto em que a pesquisa aconteceu. Em algumas circunstâncias, em que os métodos disponíveis nos pareceram insuficientes para acessar intensivamente o campo, mais do que acionar métodos convenientes a cada pesquisa, foi possível criar métodos novos ou novos dispositivos de produção de dados.

Considerando o trabalho remoto do contexto pandêmico, a maioria das professoras participantes não estava no território físico da escola há mais de um ano, e o ambiente escolar era um agenciamento importante para nosso objeto de pesquisa (a saúde mental de educadoras da Educação Infantil). Assim, toda a pesquisa foi produzida através de encontros virtuais, em grupos e individualmente. A metodologia do MeAfeTe foi usada como técnica para a produção de dados em grupo, considerando as subjetividades e as coletividades da investigação proposta.

Para acessar as memórias do corpo no trabalho educacional, foi criada uma narrativa fictícia com o objetivo de produzir sensibilização com relação ao tema. Elementos dos cotidianos, presentes nas entrevistas individuais previamente realizadas, foram utilizados na construção dessa narrativa usada como disparador no primeiro encontro com o intuito de produzir um plano comum entre elas e ativar uma dimensão sensível no encontro grupal e uma reconexão afetiva com o território escolar praticado por elas. Corroborando com McNiff (2008), o recurso artístico e/ou visual na pesquisa pode ser criado por quem pesquisa como disparador ou sensibilizador; por quem participa, como dado da investigação; ou uma cocriação de pesquisador-pesquisados como sensibilizador e gerador de dados para a pesquisa. A narrativa disparadora do encontro foi produzida pelas pesquisadoras, mas as afetações produzidas pelas narrativas cocriaram os mapas como veremos a seguir.

Propositalmente, a narrativa ficcional foi lida antes que fosse sugerida uma "rodada de apresentações". Assim, as participantes acessaram a própria experiência ontológica antes das trocas. Primeiramente, explicamos sobre os conceitos de cartografia, mapa, território, afetos e intersubjetividade de maneira breve, usando de recursos visuais de apresentação. Depois de passar pelos conceitos, conduzimos as participantes a um relaxamento e a uma imersão na narrativa fictícia. Antes de ouvirem a narrativa, elas foram incentivadas a se verem como protagonistas, a pensarem nos seus espaços e suas relações cotidianas, e assim fomentamos a criação de imagens mentais que abriram caminhos para acessar uma memória afetiva relacionada ao espaço de trabalho e ao objeto da pesquisa.

Ao fim da imersão, propusemos às participantes a criação de um mapeamento do seu trabalho, incluindo espaços físicos e expressões subjetivas a eles relacionadas: sala, refeitório, reuniões, parque, área externa; do cotidiano de trabalho em cada um desses lugares; dos sentimentos, emoções e afetos nesse território.

A proposta consistiu em fazer um mapa do território, entendendo que o mapa não é fechado. Então, elas poderiam mapear da forma que lhes fosse mais confortável, seja sob desenho, escrita, colagem etc. As produções foram diversificadas: algumas participantes produziram desenhos com diferentes composições; outras optaram por produzir o mapeamento em forma de palavras-texto.

A participante Maia² criou o mapeamento representado pela Figura 1. Ela descreveu o local em que trabalha com desenhos e usou cores nos ambientes em que se sente melhor, mais acolhida, sendo estes ambientes os que ela está com as crianças. Quando está em ambientes que compartilha com outras professoras, coordenação e gestão, se sente em estado de alerta. Os ambientes em que ela não se sente bem estão sem cor. Ela relata que se sente tensa nas reuniões. Ao falar sobre esses momentos, ela fica séria e tensa. Respira profundamente.

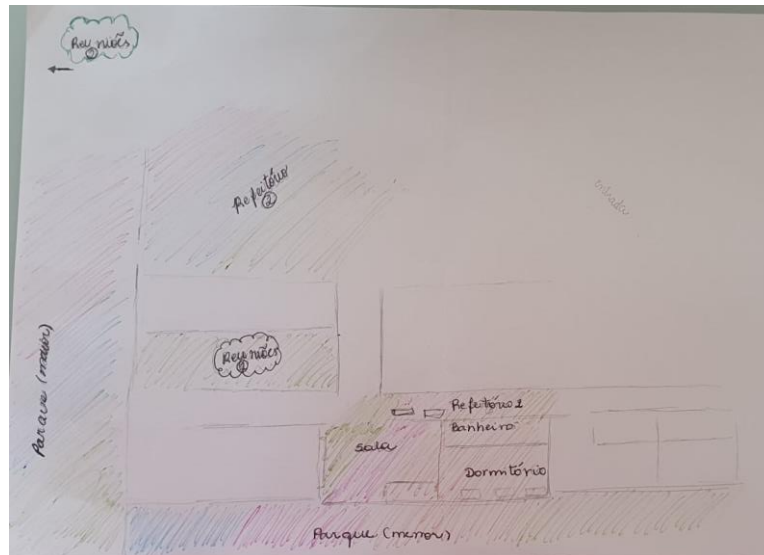


Figura 1. MeAfeTe 1: mapeamento de Maia

Fonte: dados da pesquisa.

A participante Alya fez uma planta baixa da instituição, como representado pela Figura 2. Ela utilizou cores e adesivos para dar significado e sentido aos afetos. Em sua legenda, colocou verde para descrever quando se sente feliz, amarelo para estado de atenção e vermelho para estado de alerta. A participante comentou que se sente em estado de alerta e atenção durante praticamente todo o momento que está no trabalho. Em alguns momentos, a tensão é tanta que ela desenhou um rosto com os cabelos em pé. Foi a única participante que destacou que, quando entra no espaço, lembra que é do trabalho que tira seu sustento, que no mapa foi representado pelo adesivo com o cifrão (\$) no lugar dos olhos. A participante mencionou que sente silenciada e que se silencia em momentos de reuniões e/ou conflitos por medo de sofrer algum tipo de violência. Quando começou a trabalhar na instituição, sofria violências constantes por se opor a algumas questões e, por isso, sentia bastante impacto físico, a exemplo de dores fortes de cabeça, tontura, dores nas costas.

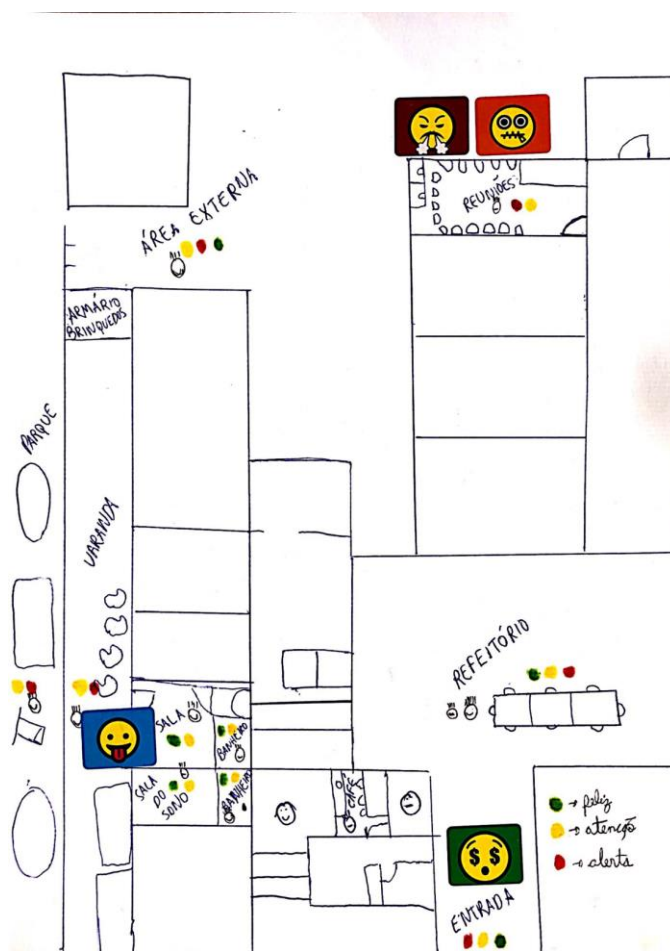


Figura 2. MeAfeTe 2: mapeamento de Alya
Fonte: dados da pesquisa.

O mapa representado pela Figura 3 foi feito individualmente pela participante Nashira, por questões pessoais da própria participante. A mesma técnica, desde o relaxamento e imersão na narrativa fictícia, foi aplicada. Nashira era a única que estava em trabalho presencial, então descreveu os procedimentos sanitários adotados pela instituição devido ao período da pandemia, como uso de álcool em gel e aferimento de temperatura. Ela trouxe a intensidade de afetos em cada lugar da instituição. A professora descreveu seu trajeto diário em azul, que é o "afeto comum de cada dia" e fez da sala com as crianças o "território de liberdade nosso". Sua sala foi representada como a maior e mais colorida, mesmo que as proporções não representassem a realidade, porque ela "e as crianças conseguem alargar esse território".



Figura 3. MeAfeTe: Mapeamento Nashira
Fonte: dados da pesquisa.

Outras duas participantes produziram mapeamentos utilizando construções de palavras-texto. Apesar de não trabalharem com elementos mais abstratos de representação da afetação, a atividade de mapeamento produziu o que era desejado pelas pesquisadoras no sentido do engajamento, da sensibilização e do protagonismo das participantes de criar a própria subjetivação.

Nos mapas representados pela Figura 4, a participante Izar (esquerda) representou os espaços com palavras circuladas: pátio, sala de aula e parque, seguido da descrição de acontecimentos nesses espaços. Durante as trocas, a participante relatou que, ao pensar no espaço, foi imediatamente levada pelo som do burburinho das crianças no pátio. Os sons a fizeram povoar cada um dos espaços descritos, e esse constituiu-se em seu mapeamento. No momento das partilhas, a participante disse que havia feito rasuras que tornavam o seu mapa “feio” e expressou o desejo de “passar a limpo”. As pesquisadoras acolheram a frustração de Meissa, reafirmando que a proposta do MeAfeTe não possui estética “correta”, mas a valorização da singularidade. Ainda assim, a participante decidiu por refazer. O que também foi compreendido e acolhido pelas pesquisadoras.

Situações como essa e outras diversas de angústia, conflitos, demandas e necessidades suscitadas pelo mapeamento e enunciadas pelas participantes durante a partilha exigiram das pesquisadoras ações de acolhimento: cuidado, escuta, reflexão compartilhada, cocriação de estratégias possíveis para enfrentamento, e outros.

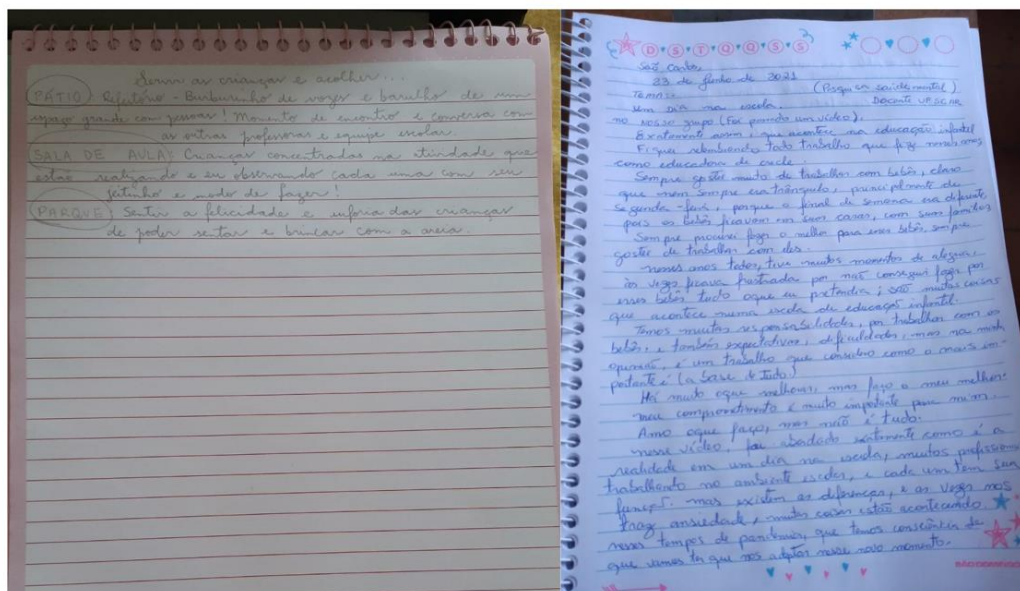


Figura 4. MeAfeTe 4: mapeamentos de Izar e Meissa
Fonte: dados da pesquisa.

Gastaldo, Magalhães e Carrasco (2013), ao discutirem a técnica de Mapa Corporal¹, refletem sobre a variação das criações. Na pesquisa realizada pelas autoras, elas discutem que diferentes pessoas vão ter diferentes engajamentos artísticos na criação. Da mesma forma, em nossa pesquisa, todas as participantes estiveram engajadas e comprometidas com a produção, mas as experiências corporais e subjetivas de cada uma resultaram em produções únicas.

De acordo com Gastaldo, Magalhães e Carrasco (2013), essa diferenciação dos mapas não impacta no que diz respeito à análise dos mapas em si. A análise de cada mapa é feita com base nele mesmo e narra uma experiência que é ontológica. Mesmo que no campo das afetações as trocas possam implicar afetos coletivos e compartilhados, cada mapa conta a história de quem o produziu. A posteriori, as análises foram tratadas pelas pesquisadoras a fim de produzir significados e significantes coletivos, como demanda da pesquisa

Inspirados por essa produção, acrescentamos algumas modificações a proposição da análise dos mapas corporais. Enquanto pesquisa-intervenção, a experiência é subjetiva e singular, por isso, ao invés de propormos a interpretação dos mapas com base nos significantes, indicamos a possibilidade da cocriação entre pesquisadoras e participantes da produção de zonas de comunidade e zonas de singularidade entre os mapas, já que cada participante da pesquisa a experimenta e atribui à essa experimentação sentidos próprios, a partir de uma situação coletivamente compartilhada. Assim, os mapas individualmente produzidos são compartilhados e refletidos com o grupo de participantes, para que as experiências comuns sejam coletivamente produzidas entre participantes e pesquisadores.

¹ O Mapa Corporal é também uma metodologia visual de pesquisa, utilizada em pesquisas qualitativas. O trabalho desenvolvido por essas autoras, como técnica de mapeamento corporal, foi um dos que influenciou o trabalho proposto por nós.

Do processo de construção dessas zonas singulares e comuns, foi possível extrair dimensões ou categorias que forneceram pistas para a resposta de nossa pergunta inicial de pesquisa, assim como para a instauração de novos problemas, no nosso caso, pistas sobre a produção de saúde mental e sofrimento psíquico entre docentes.

A fim de sistematizar visualmente o processo de experimentação com o MeAfeTe, produzimos um esquema (Figura 5), não para que as etapas indicadas se transformem em procedimentos engessados a serem replicados, mas para fornecer pistas do caminho produzido. Assim, esse dispositivo pode ser utilizado em outros contextos – assistenciais e de cuidado, processos educativos e formativos, investigações, transformações/organizações sociais², etc. – com as adaptações e invenções possíveis em diálogo com cada território pesquisado.

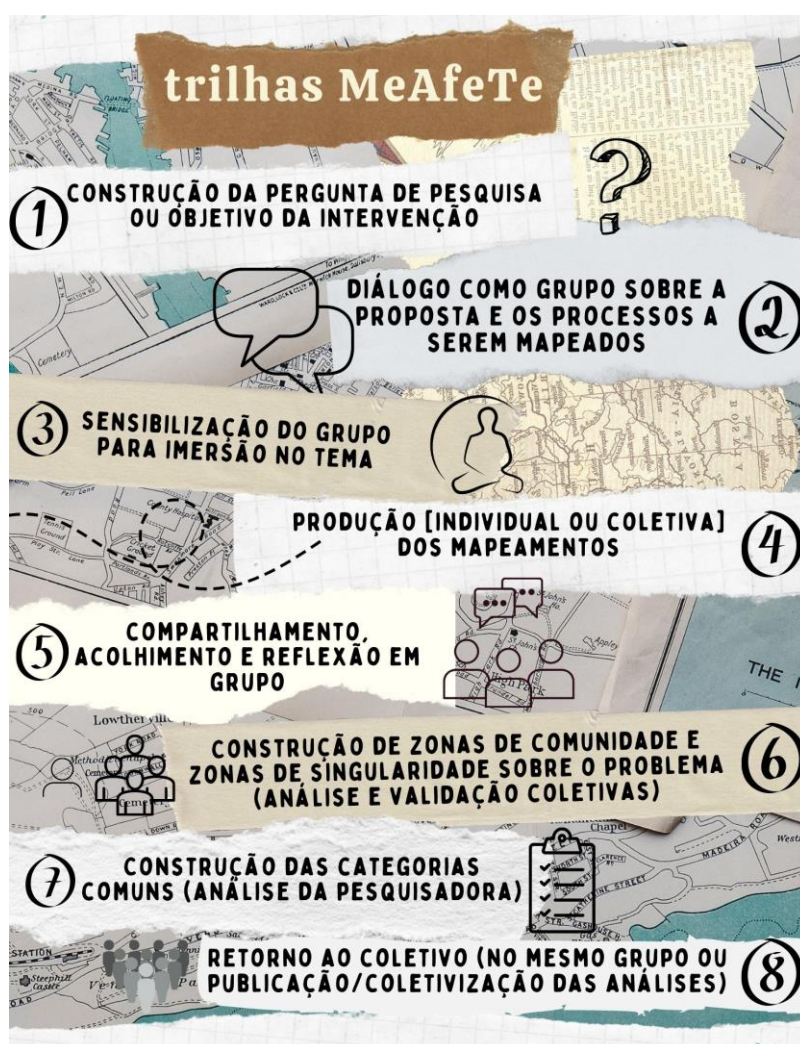


Figura 5. Fluxograma do MeAfeTe
Fonte: produzido pelas autoras.

O filtro utilizado para a construção das categorias que sistematizam os resultados da pesquisa foi temático e qualitativo. Ou seja, não se trata dos pontos quantitativamente mais representativos, mais

² O dispositivo foi utilizado pelas autoras em processos formativos junto a estudantes de graduação em processo de formação e na constituição de grupos, como estratégias de aproximação e consolidação do pertencimento grupal. As autoras pretendem sistematizar essas experiências e torná-las públicas no futuro.

sim de ideias-força que ressoaram qualitativamente entre os participantes da pesquisa e pesquisadores em suas diferentes narrativas expressas nos mapas.

Conforme sugere Carvalho et al (2013), fortalecemos a força das narrativas das participantes, já que elas e a própria ação investigativa estão atravessadas por relações de saber-poder e produção de subjetividade. Por isso, confluir o olhar do pesquisador e das participantes incorpora múltiplos e distintos olhares ao processo de investigação, o que contribui para a constituição de um plano do coletivo como efeito e como produto da própria pesquisa.

Em suma, retomando as dimensões da arte, política e meditação propostas por Deleuze e Guattari (2011) na construção de mapas, em nossa proposição, o dispositivo MeAfeTe procura atrelar a produção de dados e de conhecimento a essas três dimensões.

A dimensão meditativa foi inerente à proposta do MeAfeTe na medida em que as participantes se fazem presentes, corpo focado na presença. Também aparece quando nos dispomos a ponderar certezas, estudar o pensamento sobre determinado objeto em presença do próprio objeto, amadurecendo-o, projetando-o para um novo lugar a ser construído.

Em sua dimensão estética, aponta para o devir criador inerente à produção de conhecimento e da possibilidade de criar múltiplas linguagens para dar passagem ao conhecido.

Por fim, em sua dimensão política, o MeAfeTe convida as participantes a revisitar suas ações cotidianas, problematizá-las e transformá-las, fazendo da investigação, uma guerrilha no e do cotidiano (Denzin & Lincon, 2005). Um (com)bate que crie estranhamentos, incertezas, mas sobretudo, movimentos: entre pesquisados e pesquisadores; movimentos entre participantes e objeto da pesquisa, movimentos territoriais.

Considerações inacabadas

A proposta deste trabalho foi apresentar a construção de um dispositivo metodológico sensível desenvolvido no decorrer de uma pesquisa-intervenção. Nessa direção, tentamos oferecer as pistas e os caminhos que seguimos na criação e na aplicação-experimentação do MeAfeTe, defendendo-o como uma proposta possível e sensível dentro do mundo acadêmico. Sem a intenção de produzir normas procedimentais, este artigo se utilizou do relato de experiência para explicar processos.

Essa ferramenta, enquanto dispositivo de produção de dados e estratégias de intervenção, poderá servir não só às pesquisas qualitativas, mas como ferramenta de cuidado, educação, formação, assistência, investigação e quaisquer outras ações que possam se servir desse instrumento. Compreendemos que enquanto método de generalização e universalização, o MeAfeTe é limitado e

pode não produzir os resultados esperados, já que sua proposição se dá para a produção de singularidades e subjetividades.

No entanto, acreditamos que o Mapeamento dos Afetos Territoriais se constitui como uma ferramenta potente na produção de conhecimento e cuidado, na medida que toma os afetos como produtos e produtores de relações nos e com os territórios.

Referências

Carvalho, S.R et al. (2013) Explorando posibilidades en la intercesión entre el arte y la investigación cualitativa en salud. In: Salgado, Carolina Martinez, Chapela, María del Consuelo & Velasco, Víctor Ruiz. (Org.). *En el juego de los espejos. Multi, inter, transdisciplina e investigación cualitativa en salud*. 1ed. Universidad Autónoma Metropolitana. p. 121-145.

Deleuze, G. (2002) *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.

Deleuze, G. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, G. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Veja, 1996. p. 83-96.

Deleuze, G.; Gattari, F. (2012) *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed.

Deleuze, G.; Gattari, F. (2011). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol, 1. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed.

Deligny, F. (2015). *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições.

Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (2005). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage.

Ferigato, S. H. (2013). *Cartografia dos centros de convivência de Campinas: produzindo redes de encontros*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas].

Ferigato, S. H.; Carvalho, S. R. (2011) Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 15(38), 663-676. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011005000037>

FRAGELLI, Clau. (2022). Um olhar para o infinito: cartografias de saúde mental com educadoras de educação infantil. 2022. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos] 2022. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16059>

Galvão, E. F. C.; Galvão, J. B. (2017) Pesquisa Intervenção e Análise Institucional: alguns apontamentos no âmbito da pesquisa qualitativa. *Revista Ciências da Sociedade (RCS)*, 54-67. <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistacienciasdasociedade/article/view/373/292>

García, A. L. (2018). El concepto de "red" en la cartografía de Fernand Deligny y sus contribuciones a la Pedagogía Social. *Jornadas de Investigación del Instituto de Educación de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República. Uruguay.*

Gastaldo, D.; Magalhães, L.; Carrasco, C. (2013). Mapas corporais narrados: um método para documentar trajetórias de saúde, resiliência, adoecimento e sofrimento. In Fraga, A. B.; Carvalho, Y. M.; Gomes, I. M. (Orgs.). *As práticas corporais no campo da saúde*. Hucitec, 83-100.

Hartman, L. et al. (2011) How Do We 'See' Occupations? An Examination of Visual Research Methodologies in the Study of Human Occupation. *Journal of Occupational Science*, 18(4), 292-305, DOI: 10.1080/14427591.2011.610776.

Kastrup, V.; Herlanin, C. (2018). A Atenção Conjunta e o Bebê Cartógrafo: a cognição no Plano dos Afetos. *Ayvu Revista de Psicologia*, 05(01), 117-139. <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/27403>

Lieberman, F.; Lima, E. M. F. A. (2015). Um corpo de cartógrafo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* 19(52), 183-194. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0284>

Lopes, J. J. M.; Vasconcellos, T. (2016) Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. *Currículo sem Fronteira*, 6(1), 103-127.

Mcniff, S. (2008). Art-based research. In Knowles, J. G; Cole, A. L. (Eds.). *Handbook of the arts in qualitative research: Perspectives, methodologies, examples and issues*. Sage. pp. 29-40.

Mendes, M. L. (2017). *Esquivas, criação e planos de existências: ressonâncias éticas, estéticas e clínicas na trajetória de Fernand Deligny*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].

Oliveira, J. Y. T. (2016). *Trajetoórias e caminhos: uma cartografia dos bebês*. 2016. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8477>

Passos, E.; Barros, R. B. A (2020). Cartografia como Método de Pesquisa-Intervenção. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina. 17-31.

Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (2020). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.

Paulon, S. M.; Romagnoli, R. C. (2010). Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1(1), 2010. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9019/6903>.

Rolnik, S. (2011). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. UFRGS.

Santos, M. (2009). O Dinheiro e o Território. *GEOgraphia*, 1(1), 7-13.

<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360>

Spinoza, B.(2009). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Stern, D. N. (2007). *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record.

Weber, S. (2008). Visual images in research. In Knowles, J. G; Cole, A. L. (Eds.). *Handbook of the arts in qualitative research: Perspectives, methodologies, examples and issues*. Sage.

Contribuição dos autores: C. F. elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. S. H. F. orientação do trabalho, análise dos dados, revisão do texto. L. A. elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto.

Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior 001.

Recebido em: 09/05/2023

Aceito em: 03/07/2023

Publicado em: 30/07/2023

Editor(a): Pamela Bianchi